UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – HABILITAÇÃO EM LÍNGUA INGLESA

IZAURA DA SILVA PEREIRA

PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DO INGLÊS NA EJA

CAMPINA GRANDE
2019

IZAURA DA SILVA PEREIRA

PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DO INGLÊS NA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em letras.

Área de concentração: Formação de professores

Orientadora: Profª. Ms. Fernanda Maria Almeida Floriano

CAMPINA GRANDE
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P436p Pereira, Izaura da Silva.
Professores em formação inicial e suas percepções sobre o ensino e aprendizagem do Inglês na EJA [manuscrito] / Izaura da Silva Pereira. - 2019.
31 p.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Inglês) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação , 2019.
"Orientação : Profa. Ma. Fernanda Maria Almeida Floriano , Coordenação do Curso de Letras Inglês - CEDUC."
1. Ensino de língua inglesa. 2. EJA. 3. Formação docente. I. Título
21. ed. CDD 374

Elaborada por Valéria S. e Silva - CRB - 3/980 BCIA2/UEPB

IZAURA DA SILVA PEREIRA

PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DO INGLÊS NA EJA

Trabalho de Conclusão de Curso em Licenciatura Plena em Língua Inglesa da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de licenciada em letras.

Área de concentração: Formação de professores

Aprovada em: 19/06/2019.

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Maria Almeida Floriano 10,0
Profª. Ms. Fernanda Maria Almeida Floriano (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

10,0
Prof. Me. Celso José de Lima Junior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Morgana Conceição da Cruz Gomes. 10,0
Prof. Esp. Morgana Conceição da Cruz Gomes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao meu pai, pela sua importância em minha vida.
DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido pela compreensão nos momentos difíceis de execução deste trabalho.

A minha família maravilhosa que sempre me incentivou e sempre esteve presente durante toda minha jornada.

À professora Fernanda Floriano, minha orientadora, por seu empenho.

À professora Telma Sueli Farias Ferreira pela atenção e apoio sempre que necessário.

Aos professores da graduação da UEPB, em especial, que contribuíram ao longo do curso, por meio das disciplinas e debates, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe pelos momentos de amizade e apoio.

“Não há saber mais ou saber menos: Há saberes diferentes”.
Paulo Freire

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Motivos que conduziram os alunos a EJA.....21
Quadro 2: Perfil dos alunos da EJA segundo os professores.....22
Quadro 3: Dificuldades dos alunos em relação a aprendizagem da LI.....23
Quadro 4: Nível de interesse dos alunos em estudar inglês.....24
Quadro 5: Percepções dos entrevistados acerca da LI na EJA 25
Quadro 6: Maiores dificuldades enfrentadas pelos professores no ensino da LI.....26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO 9
2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA 10
2.1. O percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos 10
2.2. A Educação de Jovens e Adultos na Paraíba 12
2.3. A EJA e o processo de ensino-aprendizagem 15
3. METODOLOGIA 19
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES 20
4.1. As percepções docentes sobre o ensino de inglês na EJA 20
5. CONCLUSÃO 28
6. REFERÊNCIAS 29

PROFESSORES EM FORMAÇÃO INICIAL E SUAS PERCEPÇÕES SOBRE O ENSINO E APRENDIZAGEM DO INGLÊS NA EJA

Izaura da Silva Pereira [*]

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo discutir as percepções de professores em formação inicial sobre o ensino-aprendizagem da LI na Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA). O mesmo caracteriza-se como estudo de campo, de caráter exploratório, qualitativo tendo como instrumento de coleta de dados um questionário, respondido por oito professores em formação inicial que estagiaram na EJA e se dispuseram a colaborar com a presente pesquisa. Entre os referenciais teóricos utilizados nesta pesquisa destacamos os documentos oficiais como os PCN´S (Parâmetros Curriculares Nacionais) do Ensino Médio (BRASIL, 2000), Lei de Diretrizes e Bases (1996), Diretrizes Curriculares para Funcionamento da Rede Estadual de Ensino da Paraíba (2016); além de teóricos como Freire (2007), Gadotti (2014), Nogueira (2009), entre outros. Na análise dos dados foi possível verificar que para os professores (em formação) entrevistados, o ensino de inglês na EJA é importante e necessário, mas que, devidos às peculiaridades dos alunos, às condições de trabalho e de aprendizagens nem sempre se chega a um resultado satisfatório. Entretanto, mesmo com essas dificuldades, esses professores em formação inicial não se mostram desinteressados. Mais do que isso, essas percepções os levam a (re) pensar sobre o processo de ensino-aprendizagem de LI na EJA, assumindo suas limitações e as barreiras que são inerentes a todo contexto educacional. Pensar que a educação vale à pena move não só esses professores entrevistado, mas todos aqueles que não se deixam vencer pelas dificuldades que enfrentam na profissão.

PALAVRAS CHAVE: LÍNGUA INGLESA. EJA. FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL.

ABSTRACT

This paper aims to discuss teaching in initial formation perceptions about teaching learning of English language in youth and adult education (henceforth EJA). The same has as characteristic of area studies, exploratory feature, qualitative, with instrument of data collection a questionnaire, answered for eight teachers in initial formation that traineed in the EJA and collaborated with the present research. Between the theory referential applications on this research highlight the officials documents such as high school´s PCNs (BRASIL, 2000), Law of Directives and Bases (1996), Curricular guidelines for Operation of the State system of Paraíba Teaching (2016), besides theory of Freire (2007), Gadotti, (2014), Nogueira (2009), among others. In the data collection it was possible check that for the teachers (in formation) interviewed English teaching in the EJA is important and necessary, but due to the students peculiarities, this teachers in initial formation don´t show themselves disinterested. More than that, these perceptions take them to think again about the teaching-learning process of LI in the EJA, assuming limitations and obstacles that are related the entire education context. We thinking that educational worthwhile move not only this teachers interviewed, but all those that do not let carried to win for difficulties faced in the profession.

KEY WORDS: ENGLISH LANGUAGE. EJA. INITIAL FORMATION EDUCATIONAL.

[*] Aluna de Graduação na Universidade Estadual da Paraíba – Campus I.
E-mail: Isaura.2006@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

A aprendizagem de línguas estrangeiras, como é caso da LI, é um direito de todo aluno na educação básica, como postulado pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998) e sendo assim, possibilita ao aluno o desenvolvimento de habilidade que permite ao mesmo o acesso às informações do mundo globalizado, a ampliação dos conhecimentos tecnológicos e científicos, além de ser uma importante ferramenta para sua inserção no mercado de trabalho. Neste sentido, é fundamental estar atento para a realidade de que o Ensino Médio e a EJA possui, entre outras funções, a função de educação para o trabalho; e sendo o conhecimento de línguas estrangeiras necessário para o mercado de trabalho, a escola não pode se esquivar e sim oferecer ao aluno a oportunidade de aprender uma segunda língua como, por exemplo, o inglês (BRASIL, 2000).

Nosso interesse pelo Ensino de Jovens e Adultos (doravante EJA) ocorreu após o ingresso no curso de Letras e uma experiência de 10 anos de um trabalho desenvolvido em turmas desse segmento. Após esse tempo lecionando língua inglesa (LI) surgiu o questionamento sobre como os professores em formação inicial veem o ensino/aprendizagem da LI na EJA, despertando vontade de pesquisar mais sobre o assunto e responder algumas questões aqui trabalhadas. Entendemos que a aprendizagem de inglês tem a mesma relevância como em outras modalidades de ensino, mas os significados no contexto da EJA perpassam pelas questões de motivação, dos interesses, da autoestima, isto considerando que esses alunos, diferentes daqueles do ensino regular, são pessoas, muitas vezes com experiência de vida e que naturalmente trazem consigo conhecimento prévios que devem ser valorizados em sua aprendizagem.

Dessa forma, o presente artigo versa sobre o ensino-aprendizagem da LI no contexto da EJA do ponto de vista dos professores em formação inicial, destacando suas percepções a respeito das perspectivas e limitações que envolvem o domínio da LI por parte dos alunos. Para atingir o propósito da presente pesquisa foi definido como objetivo geral analisar a visão dos professores em formação inicial a respeito do ensino-aprendizagem da LI inglesa na EJA analisando os aspectos que permeiam esta relação e que contribuem ou interferem no seu pleno desenvolvimento.

Quanto aos objetivos específicos definiu-se: (1) Identificar as dificuldades vivenciadas pelos alunos da EJA do ponto de vista do professor em formação inicial. (2) Verificar a

importância da LI para esses alunos. (3) Identificar os desafios enfrentados pelos docentes em relação ao ensino de LI na EJA.

O artigo está organizado da seguinte maneira: esta introdução, o desenvolvimento que comtempla a apresentação de conceito sobre a EJA e o processo ensino-aprendizagem da LI, em seguida apresentamos a discussão sobre os dados coletados e por último apresentamos as nossas considerações finais sobre essa temática que não encerra a discussão considerando a complexidade de que o assunto se reveste, mas, que deixa sua contribuição para outras pesquisas, que entendemos são fundamentais para a melhoria das questões discutidas nesta pesquisa.

2. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

2.1. O percurso histórico da Educação de Jovens e Adultos

Retrocedendo verificamos que a EJA remonta à época dos jesuítas, quando eles compreendiam que a alfabetização como premissa para se converter os índios brasileiros, dessa forma se debruçaram sobre duas ideias:

> A pregação da fé católica e o trabalho educativo. Através do seu trabalho de catequizar, abriram caminho para a entrada dos colonizadores, à medida que ensinavam as primeiras letras, ensinavam também a doutrina católica e os costumes europeus. Destarte, pode-se observar que a Educação de Jovens e Adultos não é recente no país, pois pode ser verificada desde o Brasil/Colônia. Quando se falava em educação para a população (PACHECO ET AL 2013, p. 3).

As primeiras instruções, as quais os filhos de colonos e mestiços tinham direito, era ofertada através das escolas de ordenação criada pelo Padre Manuel da Nóbrega que durou até a chegada do Marquês de Pombal. No período pombalino, os jesuítas foram expulsos e com isso mudou-se o foco da educação que deixava de ser pelo interesse na fé para ser pelos interesses do Estado como previsto nas reformas do Marquês de Pombal, com esta reforma veio à responsabilização do Estado de legislar sobre o ensino no Brasil e entre as iniciativas de mudanças destacam-se: novas ações sobre a educação de adultos, e abertura de escolas noturnas para o ensino de adultos, entretanto, eram escolas de qualidade inferior e de curta duração. Conforme Constituição de 1824 reservava-se a todos os cidadãos a instrução primária gratuita. No entanto, essa titularidade era restrita “às pessoas livres saídas das elites e

que viriam a ocupar funções na burocracia imperial ou no exercício de funções da política" (SOARES *apud* PACHECO ET AL 2013).

A partir desse período a EJA, assim como toda educação foi atravessando os períodos históricos e nesse sentido, pode se dizer que:

> A preocupação com a democratização da educação de qualidade para a cidadania tem sido a de ampliar os horizontes para os indivíduos que ficaram fora do processo educacional, vítimas de uma exclusão, patrocinada, intencional e injustificável, alimentada ao longo da nossa história de formação como povo. O que se vê é a queda de braço entre a sociedade instituída e comodamente situada nos mais altos postos, desfrutando do acesso amplo a todos os bens sociais e o braço esquálido da população excluída (BARROS ET AL, 2018, p.2).

Nesse sentido, a História mostra que dos anos 30 até os anos 90, fatores políticos, sociais e ações governamentais perpassaram pela questão da EJA, a exemplo do lançamento da Primeira Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), da iniciativa do Ministério da Educação e Saúde coordenada por Lourenço Filho à campanha iniciada pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. Além disso, a UNESCO estimulou no início dos anos 50, a criação de programas nacionais de educação de adultos para atender as regiões mais atrasadas do Brasil, isso porque já naquela época, 55% da população brasileira maior de 18 anos era constituída por analfabetos. Nessa perspectiva alguns congressos foram realizados e campanhas foram criadas. A Campanha iniciada por Lourenço Filho no ano de 1947 foi encerrada em 1963 pelo Ministério da Educação que incumbiu Paulo Freire de elaborar um programa Nacional de alfabetização (ALMEIDA e CORSO, 2015).

O Plano de Alfabetização de Freire foi interrompido pelo Golpe Militar. Os programas que visavam à constituição de uma transformação social foram interrompidos de forma abrupta, resultando no exilio de seus dirigentes, e na a retomada da educação como modo de homogeneização e controle de pessoas. Nessa época criou-se o Movimento Brasileiro de Alfabetização - MOBRAL o qual tinha como objetivo alfabetizar funcionalmente as pessoas. Esta alfabetização ficou restrita à apreensão da habilidade de ler e escrever, o que por sua vez evidenciava o sentido político do Mobral que procurava responsabilizar o indivíduo de "sua situação desconsiderando-o do seu papel de ser sujeito produtor de cultura, sendo identificado como uma pessoa vazia sem conhecimento, a ser 'socializada' pelos programas do Mobral" (MEDEIROS, *apud* STRELHOW, 2010, p. 6).

Nos anos 80, o MOBRAL foi substituído pela Fundação Nacional de Alfabetização para a Educação de Jovens e Adultos (Educar) que apesar de ter incorporado muitas ações do MOBRAL realizava atividades diferentes. A Fundação Educar foi extinta no governo de

Fernando Collor de Melo (1991-1992) que criou o Programa Nacional de Alfabetização e Cidadania (PNAC). O governo de Itamar Franco (1992-1995) foi pressionado dentro e fora do país para que se discutisse a implementação do Ensino Fundamental para jovens e adultos e entre o período de 1993 a 2003 o debate evolui até gerar o texto atual da LEI DE DIRETRIZES E BASES - LDB que anunciava uma esperada nova era para a educação (BARROS, GUEDES E ANDRADE, 2018).

Vale destacar que nos anos 90, outros movimentos de alfabetização surgiram a exemplo de Movimento de Alfabetização – MOVA, este tinha como objetivo trabalhar a alfabetização a partir do contexto socioeconômico das pessoas alfabetizadas, tornando-as coparticipante de seu processo de aprendizagem. Em 1996, ressurgiu um programa nacional de alfabetização promovido pelo Governo Federal, além do Programa Alfabetização Solidária – PAS, "que parecia que estávamos tendo um replay das campanhas das décadas de 40 e 50" (STRELHOW, 2010, p 8).

Segundo o autor supracitado, o PAS era um programa aligeirado com alfabetizadores semipreparados, o que dava a entender que qualquer pessoa podia ensinar, além de partir do pressuposto que existia uma relação de submissão entre o Norte-Nordeste. Para complicar mais a situação, o programa sugeria a doção de um analfabeto, contribuindo para robustecer a imagem de que essas pessoas eram incapazes, necessitadas de uma ação assistencialista.

Nos anos 2000, com o governo de Luís Inácio Lula da Silva, o Ministério da Educação anunciou que a EJA teria prioridade e para tanto foi criada a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo (SEEA). Lançou-se o Programa Brasil Alfabetizado e que foi direcionado para os Estados, Distrito Federal e os municípios com alto índice de analfabetismo de jovens acima de 15 anos. Alguns especialistas, como Rummert e Ventura (2007) afirmaram que o governo Lula trouxe mais destaque para a EJA de que os governos anteriores, porém o discurso foi maior do que as ações concretas para sobrepujar a "matriz construída na década anterior. Assim, embora o arco das ações no âmbito da EJA seja ampliado, permanece centrado nas políticas focais, fragmentadas e fragmentadoras do tecido social" (FÁVERO, FREITAS, 2011, p.384; PIERRO, 2003).

2.2. A Educação de Jovens e Adultos na Paraíba

Verificando-se a trajetória da EJA é possível perceber o quanto essa modalidade de ensino sofreu com as interferências do contexto histórico-sócio-político como apresentado anteriormente e isso refere-se tanto as concepções como também garantia do direito dos indivíduos ao acesso à educação. Neste sentido, vale também destacar que muitas foram as iniciativas para resolver a situação do analfabetismo no Brasil, como a oficialização da educação de jovem e adulto ocorrida por meio do Decreto de número 19.513 de agosto de 1945. Outra lei importante foi a 5.692/71 que dedicou pela primeira vez na História da Educação um capítulo ao ensino supletivo. Esta mesma lei substituiu a Lei 4.064/61 que reformulou o ensino de 1º e 2º grau (MOTA, PESSANHA, 2009).

Estes são alguns exemplos de tomada de decisão relacionada à EJA e neste sentido,

> A partir da Constituição Federal de 88 e da LBD a Educação de Jovens e Adultos - EJA, passou a não mais ser entendida como suplementar e sim como um direito, diferente de outros tempos, assim a modalidade passou a ser entendida como um elemento essencial para a construção de uma sociedade mais justa, tendo como princípio a garantia do exercício da cidadania (MOTA, PESSANHA, 2009).

Conforme se verifica no art. 208 da Constituição Federal de 88 a "educação obrigatória e gratuita dos 04 aos 17 anos de idade, assegurada inclusive sua oferta gratuita para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria". A LDB, por sua vez trata a Educação de Jovens e Adultos, como modalidade da Educação Básica, superando assim, sua dimensão de ensino supletivo e "regulamentando sua oferta a todos aqueles que não tiveram acesso ou não concluíram o ensino fundamental". De acordo com o artigo 37, "a Educação de Jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade" (MARTINS, AGLIARDI, 2013, p. 7).

Quanto às Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação de Jovens e Adultos (Parecer CNE/CEB 11/2000 e Resolução CNE/CEB 1/2000)

> Devem ser observadas na oferta e estrutura dos componentes curriculares dessa modalidade de ensino, estabelece que: - Como modalidade destas etapas da Educação Básica, a identidade própria da Educação de Jovens e Adultos considerará as situações, os perfis dos estudantes, as faixas etárias e se pautará pelos princípios de equidade, diferença e proporcionalidade na apropriação e contextualização das diretrizes curriculares nacionais e na proposição de um modelo pedagógico próprio (BRASIL, s.d, p. 3).

Analisando tudo o que foi exposto acima, verificamos que promover e dar visibilidade a essa modalidade de ensino não é tarefa fácil. Como assevera Almeida e Corso (2015, p. 15) essa modalidade de ensino tem "um papel secundário no cenário da educação brasileira e a

percepção desta condição deve impulsionar os educadores a compreendê-la para melhor contribuir para a reversão desse quadro, assim como para dar-lhe visibilidade"

A questão da visibilidade passa necessariamente pelas políticas, pelo papel da escola, e do professor no que refere ao que está sendo feito para que a EJA passe a ser vista conforme sua importância e ao que está previsto na própria Lei de Diretrizes e Bases – LDB quando afirma que os sistemas de ensino devem assegurar além da gratuidade "a oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho" (BRASIL, 1996, p.13)**.**

No Estado da Paraíba, a EJA, é uma modalidade de Ensino da Educação Básica e atende aos jovens e adultos desde a alfabetização ao Ensino Médio, nos turnos diurno e noturno. Verifica-se que as matrículas deverão observar as bases legais que estabelecem os critérios de idade e o número mínimo de alunos, na hora da organização do horário escolar, os gestores deverão fazer a distribuição dos Componentes Curriculares, de forma que o professor esteja disponível um dia na semana para estudar ou fazer atendimento pedagógico e na semana seguinte deverá estar em uma Escola Polo, com outros professores da mesma Área Curricular, para estudar, partilhar, refletir e propor práticas significativas (PARAIBA, 2016).

Em termos de organização, a EJA está assim definida:

> **Ensino Fundamental – EJA**
> 1º Segmento do Ensino Fundamental – anos iniciais: Ingresso com, o mínimo, de 15 anos completos; Matrícula anual e organização em dois Ciclos: Ciclo I e Ciclo II, conforme matriz curricular.
> 2º Segmento do Ensino Fundamental – anos finais: Ingresso com, o mínimo, de 16 anos completos no ato da matrícula; Matrícula anual com turmas de Ciclo III e Ciclo IV, conforme matriz curricular.
> **Ensino Médio – EJA**
> Ingresso com o mínimo de 18 anos completos no ato da matrícula; Matrícula anual com turmas de Ciclo V e Ciclo VI, conforme matriz curricular (PARAIBA, 2016, p. 34).

Quanto aos programas e projetos da EJA na Paraíba temos:

- O **Projovem Urbano** que promove a reintegração ao processo educacional dos jovens (18 a 29 anos), que não concluíram o Ensino Fundamental, garantindo-lhes a escolarização neste nível.

- O **Projovem Urbano em Prisões** constituído pelo Programa Nacional de Inclusão de Jovens (18 a 29 anos) que atende aos que não concluíram o Ensino Fundamental e conta com a parceria da Secretaria de Administração Penitenciária – SEAP, através da Gerência de Ressocialização.

- O **Projovem Campo/ Saberes da Terra** que objetiva a elevação da escolaridade e a qualificação profissional e social de agricultores familiares, segundo o art. 3º da Lei nº

11.326/2006, entre (18 e 29 anos), que saibam ler e escrever, mas não tenham concluído o ensino fundamental.

- O **Exame de Certificação Estadual (Supletivo) e os Exames Nacionais de Certificação (ENCEEJA e ENEM)** que se caracterizam por certificar jovens em nível Fundamental e Médio, sem exigir comprovação de escolaridade anterior.

- A **Paraíba Alfabetizada,** um Plano Estadual de Alfabetização de Jovens e Adultos que é voltado para a alfabetização de jovens e adultos, em parceria com o Governo Federal, pelo Programa Brasil Alfabetizado/FNDE, atende jovens a partir de 15 anos, adultos e idosos que ainda não apresentam o domínio da leitura e da escrita**.**

- O **Programa de Apoio e Manutenção de Novas turmas da EJA** que atende uma demanda não matriculada na escola, amplia e oferta Ensino Fundamental e Médio. Serão subsidiadas pelo Programa de Apoio aos Sistemas de Ensino para Atendimento à Educação de Jovens e Adultos, no primeiro ano de funcionamento, até o ano subsequente, em que as turmas estarão inseridas no CENSO e na manutenção do FUNDEB, conforme a Resolução 48 de 11 de dezembro de 2013. (PARAIBA, 2016, p. 34-35).

2.3. A EJA e o processo de ensino-aprendizagem

Discutir processo ensino-aprendizagem de jovens adultos requer antes entender quem é esse aluno e numa breve descrição recorre-se a Abreu que assevera que:

> Aluno adulto é aquele sujeito que vem para a escola com maturidade física e mental, refletem sobre seus conhecimentos, condições e capacidades, procura esconder suas dificuldades, teme o fracasso e aprende o que interessa o que acredita que possa fazer diferença em sua vida. Pressionados por razões de ordem social e econômica, também procuram nos estudos atender a mudanças em sua vida pessoal que o mundo do conhecimento pode oferecer como encontrar melhores posições no mercado de trabalho (ABREU, 2009, p.15).

Essa compreensão é necessária quando se pensa naquilo que os alunos precisam e devem aprender e que, portanto, é imprescindível que o professor por sua vez tenha conhecimento sobre a aprendizagem desses indivíduos. A aprendizagem é um assunto abordado por vários estudiosos, tais como Piaget, Vygotsky, Skinner, Wallon que trouxeram valiosas contribuições para compreendermos como o indivíduo aprende, entre estas teorias destacamos as teorias cognitivistas representadas aqui por Vygotsky e Piaget. Lakomi (2008, p. 29) afirma que, para esses teóricos, "a maturação biológica, o conhecimento prévio, o desenvolvimento da linguagem, o processo de interação social e a descoberta da afetividade são fatores relevantes no desenvolvimento da aprendizagem". Ele também afirma que o

ambiente sociocultural, o respeito à visão de mundo do aluno, o diálogo, a curiosidade são elementos fundamentais para que ocorra a aprendizagem do aluno. E na concepção construtivista de Vygotsky, "o processo de ensino aprendizagem é um processo social de caráter ativo, em que o conhecimento é fruto da construção pessoal e ativa do aluno" (LAKOMI, 2008, p.45).

Tavares (2009) expõe ainda que, de acordo com Vygotsky, o desenvolvimento cognitivo e de aprendizagem do indivíduo ocorre pelas contribuições da cultura e da interação social e é por meio das interações que o indivíduo constrói gradativamente significados para suas ações e para suas experiências de vida, o teórico considera que a aprendizagem se adquire por meio de informações, atitudes e habilidades estas por sua vez adquiridas a partir das interações do indivíduo com a realidade. Na sua perspectiva é o aprendizado que permite o despertar de processo interno do indivíduo, fazendo com que ocorra uma ligação entre o desenvolvimento deste à sua relação com o ambiente sociocultural em que vive.

Na aprendizagem de jovens e adultos, então, esse entendimento deve estar sempre presente, visto que quando o aluno ingressa ele já traz consigo suas experiências, é oriundo de uma realidade muito particular, pois

> Os alunos e alunas da EJA trazem consigo uma visão de mundo influenciada por seus traços culturais de origem e por sua vivência social, familiar e profissional. Podemos dizer que esta visão está mais relacionada ao ver e ao fazer! uma visão apoiada numa adesão espontânea e imediata às coisas que vê. Ao escolher o caminho da escola, a interrogação passa a acompanhar o ver desse aluno, deixando-o preparado para olhar. Aberto à aprendizagem, eles vêm para a sala de aula com um olhar que é, por um lado, um olhar receptivo, sensível, e, por outro, é um olhar ativo: olhar curioso, explorador, olhar que investiga olhar que pensa (BISPO, FERREIRA E ALVES, 2016, p.4).

Nesse sentido, reporta-se Paulo Freire quando disse ser imprescindível que o professor busque conhecer e respeitar a realidade do aluno e o contexto em que vive que valorize o diálogo, pois agindo assim pode auxiliar seu aluno na luta diária pela transformação e tomada de consciência. No processo ensino aprendizagem o diálogo funciona como uma ferramenta que favorece o pensar crítico do aluno e isso exige disponibilidade por parte do professor para dialogar com o discente e dessa forma

> Pode testemunhar a abertura aos outros, a disponibilidade curiosa à vida, aos seus desafios, viver a abertura respeitosa aos outros. O sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade (FREIRE, 2007, p.136).

Assim, quando o professor ouve o aluno, se estabelece o companheirismo no qual o professor desperta a confiança nos alunos e estes desenvolvem em si as condições necessárias

e importantes para a aprendizagem. Dessa forma, a relação professor/aluno quando fortalecida pelo diálogo e pela confiança ajuda para que a aprendizagem ocorra de uma maneira leve e satisfatória para o aluno. E quanto mais o professor consegue compreender a dimensão do diálogo como uma condição necessária em suas aulas, maiores serão suas conquistas em relação ao aluno. Dessa forma, eles se sentirão mais curiosos e mobilizados na busca de transformar sua realidade e atuando nessa perspectiva "o professor é visto como um mediador, alguém capaz de articular as experiências dos alunos com o mundo, levando-os a refletir sobre seu entorno, assumindo um papel mais humanizador em sua prática docente" (LOPES, 2013).

Segundo Nogueira (2009) quando se trata da aprendizagem do aluno adulto, especialmente da EJA, é necessário compreender alguns processos psicológicos para modificar os conceitos aprendidos no senso comum e como destaca a autora os processos estão relacionados a:

- Inteligência: que diferente do que se pensa, não é um dom como também não é hereditária ou inata, ao contrário, ela é desenvolvida conforme as condições concretas de vida de cada sujeito, podendo ser estimulada. Na sala de aula, as atividades assim como as demais atividades de ensino-aprendizagem podem (ou não) potencializar o desenvolvimento da inteligência e para que isso ocorra, é preciso trabalhar rumo aos processos psicológicos superiores: memória voluntária, atenção imaginação e pensamento conceitual.
- Criatividade: definido como potencial para gerar ideias com um caráter direcionado, intencional e transformador e ao contrário do que diz o senso comum, não é privilégio de poucos eleitos, ela existe em todas as pessoas. Infelizmente alguns são desestimulados, no decorrer da vida, mas como ressalta a autora, o ser humano não nasce criativo; sua criatividade vai se constituindo na vivência com as situações e as pessoas por meio de estímulos do meio sociocultural em que vive, com as resoluções dos problemas que surgem, com o enfretamento das inúmeras situações e desafios que enfrenta ao longo da vida.

Nesse sentido, o professor da EJA pode contribuir com seu aluno na medida em que a metodologia usada por ele permita a interação, a aceitação do erro como parte do processo de aprendizagem. Porém, como bem lembra Nogueira (2009), não se trata de aceitar o erro e permitir que o aluno permaneça nele e, sim tratá-lo como parte de um raciocínio que precisa ser orientado pelo professor para que possa desenvolver melhor suas ideias.

- Memória**:** a autora chama a atenção a esse aspecto por ela ser essencial às nossas vidas. Sem ela não sabemos sequer se já almoçamos ou não, onde fica nossa casa etc., entretanto, a memória não basta como estratégia pedagógica, pois nos remete a uma

concepção de aprendizagem como mero acúmulo de informações. Como ela é insuficiente para a aprendizagem significativa é preciso que o professor oriente suas aulas de modo que o aluno faça uso construtivo e efetivo da memória para reter conhecimentos, valores, ideias, informações relevantes, dito de outra forma, trata de usar a memória como recurso pedagógico e não como objetivo final da aula.

- Motivação**:** esse aspecto é entendido como um processo que mobiliza a pessoa para uma ação a partir de uma relação estabelecida ente o ambiente, a necessidade e o objeto da satisfação. Essa visão permite entender que toda mobilização cognitiva (como a aprendizagem) necessita de interesse do aprendiz. É o sujeito que apresenta uma necessidade que o leva a agir de determinada forma em relação ao objeto de estudo. Nogueira (2009) destaca três fatores que favorecem a motivação de aprender por parte do aluno que são: o ambiente, pois favorece que o aluno "esteja a fim de aprender"; a atuação do professor na criação de espaço/ambiente motivadores, quando estimula a participação, a indagação, a investigação e a reflexão; e por último, a própria motivação do professor para estar naquela sala de aula.

No processo de ensino-aprendizagem de jovens e adultos, é utilizado o termo andragogia, que de acordo com Pacievitch (s.d. p.1) pode ser definida como a "arte e a ciência destinada a auxiliar os adultos a aprender e a compreender o processo de aprendizagem de adultos". A andragogia busca compreender o adulto considerando os aspectos psicológicos, biológicos e sociais e também traz importantes contribuições, nesse conceito o aluno adulto passa a ser compreendido pelo professor como sujeito de sua própria aprendizagem que não gosta de se sentir tutelado o tempo todo, que busca sua autonomia, e que sempre precisa entender por que deve aprender algo, pois ele deseja relacionar os conteúdos com seu dia-a-dia observando assim seu valor imediato. Dessa forma, compreendendo essa realidade o professor terá melhores condições "de interagir e interferir no aprendizado do aluno, fazendo uma mediação adequada, articulado saberes, mobilizando pensamentos e afetos e envolvendo os alunos adultos no processo de ensino-aprendizagem" (NOGUEIRA, 2009, p. 97).

Concluindo, o processo de ensino-aprendizagem parte do entendimento de alguns pesquisadores, mas que estas mesmas concepções ganham outras visões por parte dos professores da EJA, que podem (ou não) serem aproveitadas em prol do aluno. Os professores também têm suas próprias concepções e limitações a respeito de sua própria prática, entretanto, jamais podemos perder a esperança em dias melhores para alunos e professores. Logo, para que isso venha a acontecer é necessário que se invista em qualidade. Quanto a isso, Gadotti (2014, p.2) nos diz que:

> Qualidade significa melhorar a vida das pessoas, de todas as pessoas. Na educação a qualidade está ligada diretamente ao bem viver de todas as nossas comunidades, a partir da comunidade escolar. A qualidade na educação não pode ser boa se a qualidade do professor, do aluno, da comunidade é ruim. Não podemos separar a qualidade da educação da qualidade como um todo, como se fosse possível ser de qualidade ao entrar na escola e piorar a qualidade ao sair dela (GADOTTI, 2014, p. 2).

Entendemos então, que a qualidade para existir de fato não pode ser algo isolado, só será real se todos os aspectos forem comtemplados e na EJA, esse entendimento ganha mais relevância ainda, posto que eles já estejam no caminho a mais tempo do que aqueles que tiveram oportunidade de concluir seus estudos mais cedo. Por isso, para que alcancem seus objetivos pessoais e profissionais, a qualidade deve estar presente em todos os aspectos de sua vida.

3. METODOLOGIA

Para respondermos à nossa problemática seguimos alguns passos metodológicos como a seleção e delimitação do problema a ser investigado e construções das variáveis como a coleta, processamento, análise e interpretação dos dados.

Dessa forma, do ponto de vista dos procedimentos técnicos, adotamos a pesquisa de campo que consiste, entre outras coisas, conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual se procura uma resposta, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.59).

Do ponto de vista de seus objetivos, esta pesquisa se caracteriza como exploratória, pois,

> Visa proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo explícito ou a construir hipóteses. Envolve levantamento bibliográfico; entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado; análise de exemplos que estimulem a compreensão (SILVA; MENEZES, 2001, p. 43).

Em relação à abordagem do problema, esta pesquisa se caracteriza como qualitativa considerando-se que a intenção foi conhecer as percepções dos professores em formação inicial em relação ao processo ensino-aprendizagem da LI na EJA (MOREIRA, 2002). No nosso entendimento essa é a abordagem que melhor se enquadra na proposta do trabalho, uma vez que considera a subjetividade dos sujeitos que não pode ser traduzida em números.

Para a coleta de dados optamos pelo uso do questionário (APÊNDICE A). No caso desta pesquisa o questionário foi estruturado com quatro perguntas fechadas, direcionadas à caracterização das turmas da EJA e quatro abertas, para atender aos objetivos propostos.

Todas “com tópicos selecionados, formulação flexível e sequencial que deverá facilitar a dinâmica entre a pesquisadora e os entrevistados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.106).

O público alvo da pesquisa foi um grupo de professores de LI em formação inicial que estavam matriculados na disciplina de Estágio Supervisionado I, II ou III, e que estavam estagiando na EJA e que foram escolhidos por entendermos que seria oportuno conhecer a opinião de professores iniciantes. Vale salientar que alguns desses estagiários também já foram professores desse segmento em algum momento da docência. Ao todos foram oito entrevistados estando assim distribuídos: um na monitoria e sete na regência que assumiram a turma por dois meses (entre abril e maio de 2019) em um total de quase vinte aulas. As classes assumidas por esses professores possuíam em torno de 10 a 20 alunos na faixa etária entre 25 e 35 anos. Por razões de sigilo os participantes foram identificados de E1 a E2, o que garantiu a preservação de suas identidades.

Depois da coleta de dados o passo seguinte foi a realização da análise das informações coletadas, buscando responder aos objetivos propostos previamente. Além disso, a mesma “desenvolveu-se a partir das evidências observadas, de acordo com a metodologia, com relações feitas através do referencial teórico e complementadas com o posicionamento do pesquisador” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.1120).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1. As percepções docentes sobre o ensino de inglês na EJA

Os professores participantes dessa pesquisa são iniciantes e, como tal, estão ingressando na carreira. É nessa fase que o profissional começa a construir sua visão profissional e como esclarece o autor abaixo:

> No período de iniciação à docência, os professores passam por um processo de interiorização de normas, valores, condutas, ou seja, construir o *habitus*, que consiste na aquisição da cultura daquele ambiente escolar. Contudo, esse processo de socialização não é de mão única, mas um processo de adaptação mútua entre a organização e o indivíduo, onde ambos os contextos se acomodam. Essa organização se dá através da interação com o outro, dos estilos compartilhados e de um projeto coletivo em que todos os envolvidos se modificam cotidianamente (JONSSON, TOZETT0, 2014, p.4).

Dessa forma, com o tempo o professor adapta-se e vai criando seu próprio modo de ser e de agir, e no novo ambiente profissional constrói seu estilo e vai moldando conforme suas experiências com o coletivo escolar. Também vai construindo suas percepções e os sentidos

de ensinar. Percepções, segundo Chaui (1999, p. 154) "É sempre uma experiência dotada de significação, isto é, o percebido é dotado de sentido e tem sentido em nossa história de vida, fazendo parte de nosso mundo e de nossas vivências" ou ainda "uma maneira de ter ideias sensíveis ou significações perceptivas".

Analisaremos a seguir as respostas dadas às perguntas do questionário respondidas pelos professores iniciantes. O questionário continha oito perguntas, as primeiras no encaminham a entender quem são os alunos da EJA, e as perguntas abertas nos encaminham para os objetivos propostos. Na primeira pergunta foi pedido aos professores que identificassem quais os motivos que conduziram os alunos à EJA. As respostas obtidas foram às seguintes:

Quadro 1: Motivos que conduziram os alunos a EJA

Entrevistados	**Respostas**
E1	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.) Ajudar as crianças nas tarefas escolares. Incentivo da família e amigo.
E2	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.). Oportunidade para um emprego melhor. Realizar o sonho de concluir o Ensino Médio.
E3	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.). Realizar o sonho de concluir o Ensino Médio
E4	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.) Ajudar as crianças nas tarefas escolares. Porque trabalham durante o dia.
E5	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.). Porque a EJA é mais rápida (1ciclo em um semestre) do que o ensino regular. Oportunidade para um emprego melhor.
E6	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.). Porque a EJA é mais rápida (1ciclo em um semestre) do que o ensino regular. Realizar o sonho de concluir o Ensino Médio.
E7	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.). Porque a EJA é mais rápida (1ciclo em um semestre) do que o ensino regular.
E8	Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.). Porque a EJA é mais rápida (1ciclo em um semestre) do que o ensino regular. Realizar o sonho de concluir o Ensino Médio.

Fonte: Própria autora (2019)

Conforme verificamos acima, os estagiários identificaram que as principais razões pelas quais os alunos procuraram se matricular na EJA foi, respectivamente, porque abandonaram os estudos no passado e voltaram na esperança de recuperar o tempo que se mantiveram afastados. A segunda razão mais comentada é o fato de a EJA ser mais rápido do que o ensino básico. Uma razão complementa a outra e se traduz no entendimento que estas pessoas têm pressa e não querem se estender nessa recuperação de tempo mais do que o necessário.

Nesse sentido é interessante que o professor perceba essas motivações para que possa auxiliar seu aluno entendendo, respeitando e facilitando seu processo de aprendizagem. Embora as demais questões se mostrem menos evidentes, não significa que sejam de menor importância até porque quando eles conseguem terminar sua formação na EJA consequentemente poderão atingir os demais objetivos mencionados por eles.

Quadro 2: Perfil dos alunos da EJA segundo os professores

Entrevistados	**Respostas**
E1	Interessado, esforçado, e maduro mentalmente
E2	Esforçado
E3	Interessado
E4	Esforçado
E5	Esforçado
E6	Maduro mentalmente, esforçado, cansado
E7	Possui muita dificuldade em aprender
E8	Maduro mentalmente, cansado

Fonte: Própria autora (2019)

Quando se discute o perfil dos alunos do EJA, todas as respostas são coerentes, porque essas de fato os representam e aqui retomamos as palavras de Abreu (2009) que poderia ser a descrição do perfil desses alunos. Em seu discurso ele refere à maturidade emocional e física do aluno que buscando esconder suas dificuldades esforçam-se para acompanhar o professor no seu processo de ensino, tem maturidade para buscar recuperar o tempo que ficou fora da escola na perspectiva de obter sucesso.

Também é interessante destacar o discurso de Bispo, Ferreira e Alves (2016) sobre o olhar do aluno sobre sua própria aprendizagem, que chegam à sala de aula, de um lado com o

olhar sensível e receptivo e por outro, um olhar ativo e curioso com o desejo de mudar sua realidade, entretanto, esse desejo às vezes esbarra nas dificuldades que alguns apresentam na sala de aula. Nesse sentido, é importante que o professor conheça seu aluno e esteja atento para os esforços que ele demostra, tenha a sensibilidade de perceber quando este não consegue entender suas aulas. Muitas vezes o cansaço, as preocupações do dia tomam lugar do interesse do aluno pelas aulas, motivos esses que podem provocar a desistência e nesse caso, não desiste apenas de estudar, mas também de um sonho e de um projeto de vida outrora já destituídos pelas mesmas questões.

Outra forma do professor ajudar seu aluno é dialogando com ele, ouvindo e demostrando companheirismo. Dessa forma, o docente não só desperta a confiança do aluno em relação a sua prática enquanto professor, como também o ajuda a desenvolver a confiança em si mesmo. Como diria Freire (2007), o professor na sua prática deve respeitar e confiar de que ele, o aluno será capaz de mudar sua própria realidade. Isso não significa afirmar que é fácil, mas também não é tão difícil que não se possa tentar e conseguir.

Quadro 3: Dificuldades dos alunos em relação a aprendizagem da LI

Entrevistados	**Respostas**
E1	Manter a atenção do aluno e a redução de tempo de aula
E2	Aquisição do vocabulário porque eles demoram muito a ter contato dom a língua e geralmente esquecem rápido
E3	Por não ser uma língua nativa deles muitos se sentem desmotivados e com dificuldades para tradução
E4	O conhecimento gramatical da língua com base na sua língua materna. Esta mediação é muito complicada
E5	São curiosos. As aulas são ministradas com base na contextualização e nos conhecimentos dos alunos
E6	Uma das maiores dificuldades é a heterogeneidade das salas, têm-se alunos sem estudar há mais de um ano, como também alunos que estavam fora da escola há mais de 20 anos, então há uma dificuldade de acompanhar as aulas
E7	O conteúdo ensinado não leva em consideração a defasagem dos alunos. Eles têm muitas dificuldades na aprendizagem da LI
E8	Eles têm pouco conhecimento em língua portuguesa, não demonstram acreditar que conseguem aprender e acabam não demonstrando interesse

Fonte: Própria autora (2019)

Observando as respostas dos entrevistados para pergunta acima, é possível entender que as dificuldades são peculiares ao público atendido pela EJA e isso é compreensível, pois como mesmo mencionou E3, não é a língua nativa, logo é mais difícil prender a atenção do aluno para essa aprendizagem. Nesse caso, não se pode afirmar somente que o aluno não tenha interesse, deve-se considerar o tempo que esteve fora da sala de aula e falta de interação com o contexto de estudo.

A resposta de E8, nos remete a uma outra situação comum aos alunos da EJA, que trata da baixa estima que alguns trazem consigo e a percepção do professor a essa realidade é de suma importância para não cair no equívoco de acreditar que o aluno é desinteressado quando pode existir outras razões para sua dificuldade de aprendizagem. Analisando as demais respostas, não fica explícito quais de fato são as dificuldades enfrentadas pelos alunos, entretanto, se observarmos mais atentamente vamos verificar que as dificuldades expostas estão mais para o trabalho docente de ensinar do que para os alunos aprenderem. Isso pode ser verificado nas seguintes respostas "a heterogeneidade" "o conteúdo ensinado não leva em consideração a defasagem" "As aulas são ministradas com base..." o que também não deixa de ser um complicador para a aprendizagem dos alunos da EJA. Como disse Nogueira (2009) quando se trata de aprendizagem do aluno adulto é necessário compreender alguns processos psicológicos para também compreender suas limitações e dificuldades na aprendizagem.

Quadro 4: Nível de interesse dos alunos em estudar inglês

Entrevistados	Respostas
E1	Sim, a maioria é interessada
E2	Infelizmente não. Apenas alguns mostram interesse
E3	Alguns são interessados, apresentam dificuldades de tradução, mas mostram interesse em participar das aulas;
E4	Eles mostram curiosidade por coisas novas, sempre fazem perguntas e tiram suas dúvidas.
E5	São curiosos e para facilitar o aprendizado as são ministradas na contextualização e no conhecimento de mundo do aluno.
E6	Sim, são interessados para a maioria é algo desafiador, mas eles querem ficar atualizado e isso se torna um estímulo para eles apreenderem
E7	Poucos mostram interesse.
E8	Poucos. Os que demonstram, geralmente o fazem por motivos intrínsecos, ou por terem bom desempenho em outras disciplinas.

Fonte: Própria autora (2019)

Quando perguntado aos professores sobre o nível de interesse dos alunos verificamos que as respostas se dividem pelo fato de serem baseadas nas percepções do professor. Para E1 a maioria mostra interesse em aprender, Para E2, E7 e E8 o nível de interesse é baixo, para E4 e E5 os alunos mostram-se curiosos a respeito da matéria. Estas respostas chamam a atenção porque o pouco interesse do aluno também está relacionado à sua motivação para aprender e nesse sentido recorremos a Nogueira (2009) quando nos fala sobre o que favorece a aprendizagem do aluno na EJA que seja: o ambiente, a atuação do professor e a própria motivação docente. O ambiente deve ser favorável, propício a aprendizagem do aluno. Quanto à atuação do professor e sua motivação pensamos que, além de mediador da aprendizagem do aluno, seu papel também deve ser incentivar, mostrar que acredita e promover situações de aprendizagem significativa que promova o desenvolvimento do discente. Entretanto, é importante ressaltar que sozinho o professor não dá conta, pois ele também precisa ter condições favoráveis no seu trabalho de ensinar.

Quadro 5: Percepções dos entrevistados acerca da LI na EJA

Entrevistados	Respostas
E1	Apesar do tempo reduzido das aulas, os alunos assim como o professor, tem grande entusiasmo com a disciplina
E2	Eu percebo que essas pessoas encontram muitas dificuldades porque trabalham o dia todo, mas, em relação à aprendizagem acho que é bom relativamente, bom.
E3	Acredito que seja importante e mais importante ainda é desconstruir alguns conceitos tradicionais de professores e alunos. É interessante mesclar os novos métodos com os antigos, pois estes não são descartáveis.
E4	Necessita de muita atenção pois são pessoas mais velhas e que deixaram de estudar por muito tempo e que não tem tempo para estudar.
E5	O tempo de aula de LI é pouco para se trabalhar, dever-se-ia dá mais atenção para que se pudesse expandir o conhecimento do aluno
E6	Eu vejo como necessário, embora já exista uma "separação" (grifo da entrevistada) da EJA com o ensino regular, no entanto, no meu entendimento se faz necessário ter o mesmo tratamento enquanto aula. Obvio, com as adaptações necessárias. A sensação "separação" pode ter sido interpretada pelo professor devido a essa adaptação.
E7	É ainda mais difícil do que no ensino regular. O nível dos alunos é muito diverso. Sempre há diversidade.
E8	Considero bem desafiador, pois, o professor precisa ter qualidades sociais para somar com o lado pedagógico.

Fonte: Própria autora (2019)

Conforme respostas de E3 e E6 o ensino do inglês na EJA é importante e necessário. Para E2 e E4, o processo de aprendizagem é permeado por muitas dificuldades e estas são causadas pelos próprios modos de vida desses alunos, mas para E2 o ensino de inglês na EJA é relativamente bom, e poderia ser melhor não fossem as barreiras enfrentadas pelos alunos no seu cotidiano.

O entrevistado E6, traz uma importante consideração a respeito da separação que existe entre o ensino regular e a EJA, de acordo com seu entendimento, os alunos da EJA não recebem o mesmo tratamento que aqueles do ensino regular. Essa separação como disse o professor, pode se caracterizar como discriminação que inferioriza os jovens e adultos que retornaram a escola por não ter tido a oportunidade de terminar os estudos no tempo certo.

Na opinião de E7, ensinar na EJA é muito mais difícil do que no ensino regular, também pela diversidade de realidade que o professor encontra em sala de aula. Para o E8 essa diversidade torna o trabalho docente um desafio, e como ele mesmo afirma "o professor precisa ter qualidade sociais para somar com o lado pedagógico"

Não sabemos exatamente o que E8 quis dizer com qualidades sociais, mas é provável que esteja se referindo a percepção que o professor deva ter em relação aos seus alunos e uma vez de posse dessa mesma percepção possa desenvolver uma prática pedagógica comprometida com o respeito à condição do aluno, mas sem perder de vista que ele sendo bem atendido no seu desenvolvimento acadêmico poderá transforma a si e seu entorno.

Quadro 6: Maiores dificuldades enfrentadas pelo professor no ensino de LI

Entrevistados	**Respostas**
E1	Redução da carga horária, gerar motivação nos alunos, desgaste físico e emocional dos alunos.
E2	Acredito que é a falta de tempo para se dedicar aos estudos, o que causa desinteresse.
E3	O tempo das aulas é certamente complicado para eles. Se houvesse mais tempo as aulas seriam mais proveitosas.
E4	Tem que ser um professor bastante paciente e saber compreender o nível de seus alunos, pois eles nem sempre estão dispostos a participar das aulas.
E5	Segurança pessoal, localização das escolas, e falta de alguns recursos no ambiente escolar.
E6	Como professora, que sou é um desafio, pois encontro alunos sem saber ler na própria língua materna e o fato de os alunos chegarem a sala de aula com tão pouco conhecimento.

E7	A dificuldade é justamente o fato de as turmas serem ecléticas.
E8	Sobrecarga de trabalho, desinteresse dos alunos, ter que motivá-los para que se esforcem, lidar com alunos que passaram muito tempo sem estudar.

Fonte: Própria autora (2019)

Independente da modalidade de ensino a qual o professor pertença, as dificuldades, barreiras e desafios sempre se farão presentes. No caso de nossos entrevistados, as maiores dificuldades estão relacionadas de um lado, às condições de trabalho tais como: redução de carga horária, segurança pessoal, sobrecarga de trabalho, ausência de recursos no ambiente escola; por outro lado, as dificuldades da prática que são, respectivamente, tempo reduzido de aulas, ausência de motivação dos alunos, turmas ecléticas e as próprias dificuldades dos alunos. Como colocou E6, vivenciar essa realidade é um desafio constante que nem todos estão dispostos a enfrentar, somente aqueles que acreditam se dispõe a continuar trabalhando; mesmo que as condições não sejam favoráveis, porque a causa é justa. Isso não significa afirmar que o professor deva acomodar-se com as adversidades da profissão, significa dizer que acredita na educação e no poder de sua profissão, mesmo que se diga o contrário.

5. CONCLUSÃO

A EJA é uma modalidade de ensino importante para quem quer e tem o objetivo de concluir seus estudos, além de oferecer àqueles que trabalham uma oportunidade de estarem mais aptos ao mercado de trabalho. Devolver a esses alunos o sonho de entrar em uma universidade e, também, o de ajudá-los a ensinar os seus filhos.

Para os professores que assumem essa modalidade de ensino, os desafios são muitos e requer determinação para que se alcancem os objetivos da educação. O processo de ensino-aprendizagem por sua vez, é um dos fatores representativos dessas dificuldades e que também influenciam nas percepções docentes, pois ou o professor se esmera para ajudar os alunos a aprender, ou desconsidera suas necessidades e seu nível de conhecimentos, colocando-os num lugar menos expressivo.

A entrevista realizada com os professores em formação inicial mostrou que eles entendem a importância da EJA, bem como que o ensino de LI é importante e necessário. Adiante, eles também visualizam, já durante o estágio, que a LI não é uma matéria fácil de ser ministrada na EJA, e os motivos citados por eles são: o distanciamento do aluno em relação a língua inglesa, suas condições de vida (família e trabalho) ausência de interesse por parte de alguns alunos, condições de trabalho pouco favoráveis, entre outros.

Entendemos então que essas percepções apresentadas pelos professores em formação inicial é um ponto importante para a docência deles, pois é a partir dessas compreensões que eles podem decidir que tipo de professor querem e podem ser. Como incentivar os alunos da EJA e se envolverem mais nesse processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira, e assim pesquisarem sobre esse campo e produzirem conhecimento acadêmico que venha ajudar no desenvolvimento da EJA. Seria interessante que todos os professores estagiários tivessem a oportunidade de estagiar na EJA, a fim de ver as especificidades dessa modalidade. Infelizmente, não é o que acontece.

Como limitação da nossa pesquisa, citamos o fato de não termos entrevistado os alunos da EJA a fim de entender a visão deles também, mas pensamos que essa limitação não interferiu que alcançássemos o objetivo proposto.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Thiago Morais de. Os significados culturais de uma professora de EJA e seus alunos de língua inglesa: **Um olhar etnográfico**. 2016. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br> Acesso em 07/07/2018.

ALMEIDA, Adriana de Almeida. CORSO, Ângela Maria. **A educação de jovens e adultos**: **aspectos históricos e sociais** 2015. Disponível em: educere.bruc.com.br. Acesso em 09/07/2018.

ABREU, Maria Lúcia Leite Baraçal de. **A Importância de (RE) significar a aprendizagem na Educação de jovens e adultos.** Disponível em: www.bibliotecadigital.unicamp.br. Acesso em 08/05/2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS – ABNT. **Norma 6023.** Disponível em: <http://www.usjt.br.> Acesso em 10/07/2018.

BRASIL, **Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://portal.mec.gov.br. Acesso em 08/07/2018.

_____, Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: **língua estrangeira** /Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____, **Princípios da educação de jovens e adultos**. s.d Disponível em: http://confinteabrasilmais6.mec.gov.br. Acesso em 05/05/2019.

_____, **Parâmetros Curriculares do Ensino Médio**. Disponível em <http://portal.mec.gov.br> Acesso em 06/06/2019.

BARROS, Maria Claudia Meira S. GUEDES, Josevânia Teixeira. ANDRADE, Magnólia Pacheco. Educação de jovens e adultos sob um olhar reflexivo: **ângulos de visão e pedras pelo caminho.** 2018. Disponível em: https ://eventos.set.edu.br. Acesso em 09/05/2019.

CARDOSO, Silvia Silveira. Ensino-aprendizagem de língua inglesa na EJA: **desafios e limites para a gestão escolar**.2013. Disponível em: https://repositorio.ufsm.br. Acesso em 09/07/2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: **Saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e Terra. 2007.

FÁVERO, Osmar. FREITAS, Marenaide. A Educação de jovens e adultos: **um olhar sobre o passado e o presente**. Disponivel em < https://www.revistas.ufg.br> Acesso em 04/06/2019.

GADOTTI, Moacir. Qualidade na Educação: **Uma nova abordagem.** Disponível em: http://www.pmf.sc.gov.br. Acesso em 08/05/2019

LEITE, Natalia Costa. NEVES, Maralice de Souza. Formações discursivas na EJA: **posicionamentos discursivos de professores de língua inglesa.** 2016 Disponível em https://revistahorizontes.usf.edu.br. Acesso em 08/07/2018.

PARAÍBA, **Diretrizes Operacionais para o Funcionamento das Escolas da Rede Estadual de Ensino.** 2016 Disponível em:< https://paraiba.pb.gov.br/> Acesso 10/05/2019.

LOPES, Rita Cássia Soares. **A relação professor alunos e o processo ensino aprendizagem**. Disponível em <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br> Acesso em 10/05/2019.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo: Pioneira Thomson, 2002.

MOTA, Aline Corrêa de Queiroz. PESSANHA, Amanda Marins. **Um histórico de educação de jovens e adultos (EJA) Limites em seus projetos e/ou programas presentes em escolas públicas nos municípios de Campos de Goytacazes e São Fidelis/RJ**. Disponivel em: http://bd.centro.iff.edu.br. Acesso em 07/05/2019.

MARTINS, Adelaide Terezinha de Oliveira. AGLIARDI, Délcio Antônio. **A legislação de educação de jovens e adultos a partir da Constituição de 1988**. 2016. Disponível em: http://www.ucsobservatorios.com.br. Acesso em 09/05/2019.

MARCHESI, A**. O que será de nós, maus alunos**? Porto Alegre; Artmed 2006.

NOGUEIRA, Makeliny Oliveira Gomes. Aprendizagem do aluno Adulto: **Implicações para a prática docente no ensino superior**. Curitiba: Ibpex, 2009.

NORTE, Mariângela Braga, **Desafios para a Docência em Língua Inglesa: Teoria e Prática.**2013. Disponível em: https://acervodigital.unesp.br. Acesso em 09/07/2018.

JONSSON Paula Valéria Moura. TOZETTO, Susana Soares. A prática pedagógica do professor iniciante; **acolhida e dificuldade encontrada**. Disponível em <https://educere.bruc.com.br > Acesso em 10/05/2019.

PACIEVITCH, Thais. **Andragogia**. s.d. Disponível em: https://www.infoescola.com. Acesso em 09/07/2018.

PIERRO, Maria Clara Di. Seis anos de educação de jovens e adultos no Brasil: **os compromissos e a realidade** – São Paulo: Ação Educativa, 2003.

PRADONOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani Cesar de. **Metodologia do trabalho científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2013. Disponível em: < www.feevale.br/editora. Acesso em 04/07/2018.

RUMMERT, Sonia Maria and VENTURA, Jaqueline Pereira. **Políticas públicas para educação de jovens e adultos no Brasil: a permanente (re)construção da subalternidade - considerações sobre os Programas Brasil Alfabetizado e Fazendo Escola.** *Educ. rev.* [online]. 2007, n.29, pp.29-45. ISSN 0104-4060. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-40602007000100004.

STRELHOW, Thyreles Borcarte. **Breve histórico sobre a educação de jovens e adultos no Brasil.** Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br. Acesso em 10/05/2019.

APÊNDICE A

QUESTIONÁRIO

IDENTIFICAÇÃO:

Estagiário ( ) Estágio I ( ) Estágio II ( ) Estágio III ( )

Professor ( ) Sim ( ) Não Na EJA ( ) Sim ( ) Não

1. Quantos alunos tinham na sala em que você estagiou?

( ) Máximo 10 ( ) Entre 10 e 20 ( ) Mais de 20

2. Faixa etária:

( ) entre 18 e 25 ( ) Entre 25 e 35 ( ) Mais de 35 anos

3. Por quais motivos eles estudam na EJA? (escolha os três mais importantes)

( ) Porque tiveram que parar os estudos (trabalho, filhos, etc.)

( ) Porque a EJA é mas rápido (1ciclo em um semestre) do que o ensino regular.

( ) Oportunidade para um emprego melhor.

( ) Fazer uma faculdade e ter um diploma.

( ) Realizar o sonho de concluir o Ensino Médio.

( ) Ajudar as crianças nas tarefas escolares.

( ) Incentivo da família e amigo.

( ) Outros _____

4. Qual o perfil do aluno EJA de forma geral?

( ) Interessado ( ) Desinteressado

( ) Esforçado ( ) Cansado

( ) Maduro mentalmente ( ) Imaturo

( ) Outro _____

5. Quais as maiores dificuldades dos alunos quanto a aprendizagem da LI?

6. Os alunos mostram-se interessados em estudar inglês?

7. Qual a sua percepção a cerca do ensino de LI na EJA?

8. Quais as maiores dificuldades enfrentadas pelo professor no ensino de LI?

Obrigada por sua colaboração.